

História e Práticas Literárias com Temática Espírita: Um Estudo de Quatro Autores

José Roberto de Lima Dias¹

¹Núcleo de Pesquisadores Espíritas (NUPE) Agnelo Morato, Franca-SP.

e-mail: ¹ roberto_dias2004@hotmail.com

(Recebido em 05 de Janeiro de 2023 e publicado em 27 de Junho de 2023).

Trabalho apresentado no 4º Encontro do Núcleo de Pesquisadores Espíritas “Agnelo Morato”, da cidade de Franca-SP, ocorrido no dia 22 de maio de 2022, por videoconferência, pelo Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/CPu7ql4qquQ>.

RESUMO

Este artigo procura identificar e analisar como alguns literatos e intelectuais brasileiros, entre 1860 e 1930, recepcionaram em suas produções literárias e ou missivas a temática espírita a partir do seu corpus doutrinário. Muitos literatos, cuja trajetória de vida, estava de alguma forma identificada com as mesmas propostas que o Espiritismo apresentava para aquela sociedade do século XIX. Eles articularam e comunicaram através de suas obras as representações conceituais da Doutrina Espírita. Essa nova Filosofia, ao ser concebida em 1857 na França por Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, encontrou imediata receptividade no universo literário francês e também brasileiro. O Espiritismo é uma doutrina assentada na ênfase racionalista e progressista, irrompe num momento de efervescência intelectual, oferecendo ao homem a oportunidade de compreender seu destino ao findar a vida de relação, incorporando discussões assentadas em novas bases, de caráter científico e filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritismo; Literatura; Escritores; Recepção.

COMO CITAR: J. R. L. Dias, *JEE* 11, 010402 (2023). DOI: [10.22568/jee.v11.artn.010402](https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010402).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010402>.



I INTRODUÇÃO

O Espiritismo, ao ser concebido, trouxe em seus conceitos um projeto de racionalização ancorado na fé raciocinada. Isso pode ser verificado pelo emprego explícito do método científico na sistematização dos novos conhecimentos de que era portadora a referida doutrina, o que implicou em uma rápida divulgação de seus postulados. Tal afirmação baseia-se no fato de conferir significados à sua doutrina como proposta de uma ciência do mundo espiritual, de uma possível vida espiritual após a morte e na análise dos fenômenos sobrenaturais, estudados sob o ponto de vista racional, gerando, posteriormente, uma transformação, na condição de um movimento filosófico-religioso.

No caso em análise, os escritores que tiveram contato direta ou indiretamente com o Espiritismo, produziram literariamente uma prática discursiva que resgata conceitos no âmbito de uma doutrina de concepção religiosa, mas que pelas mãos desses homens das letras tornou-se uma obra literária, que além de tudo assume um papel de propagadora da mensagem espírita na medida em que racionaliza seus enunciados e facilita sua compreensibilidade pelos seus leitores. Influenciados pelos conceitos espíritas, muitos autores do século XIX exploravam amplamente a temática em suas obras (Dias, 2011).

A fim de perceber como as ideias espíritas transitaram na produção literária e/ou conforme mostram a circulação de cartas trocadas entre os grupos de relações, busca-se compreender esse processo a partir do seguinte problema: Como foram recepcionados os conceitos espíritas, bem como se deu a inserção cultural do Espiritismo na memória literária nacional pelos letrados desse período. Quanto à metodologia empregada, optamos pela leitura crítica como matriz interpretativa dessa realidade, através de uma metodologia de base hermenêutica, uma vez que ela permite discursivamente se pensar a produção literária em estudo.

A adesão de personalidades de relevo intelectual à concepção espírita era feita, muitas vezes, de forma pública como no caso da conversão de Coelho Neto ou na aversão de Machado de Assis ao Espiritismo que, em muitas de suas obras, utiliza-se das temáticas espíritas para refutar e esclarecer sua posição. Em outras situações são cartas trocadas entre seus pares ou familiares que davam notícias da posição pessoal à nova doutrina que lhes chamava a atenção, como no caso de Amélia Hartley Antunes Maciel (Baronesa dos Três Serros), na Cidade de Pelotas/RS. Por outro lado, encontramos jornalistas, como Alberto Coelho da Cunha da também Cidade de Pelotas, que se utiliza da imprensa para falar das ideias espíritas que começa a fazer parte do cotidiano das pessoas ilus-



tres da sua cidade e região. Não havendo como resistir ao impacto de notícias até então tidas como sobrenaturais. Porém, antes de nos aprofundar na compreensão do processo de operacionalização dos conceitos espíritas nas obras dos escritores mencionados, faremos uma incursão nas relações da História com a Literatura e o Espiritismo, passando por uma análise da ilustração brasileira¹.

Os caminhos que levam a lançar um olhar crítico e interpretativo do processo histórico envolvendo literatos com laços estreitos com o Espiritismo nem sempre confluem para uma mesma práxis científica, que lhes garanta cientificidade na reconstrução do momento histórico em questão. Essa diferença, em função dos conceitos ou da relação entre a obra e o mundo, sobressai quando colocamos, de um lado, a ciência histórica e, de outro, a literatura, no âmbito de uma linguagem construída culturalmente.

Temos, na História, uma ciência baseada em metodologia e técnicas de pesquisa, que hoje se abastece das práticas interdisciplinares, estabelecendo conceitos e criando teorias através dos dados coletados nas mais diferentes fontes. Por outro lado, a Literatura apresenta-se não só como uma fonte alternativa para o historiador, mas também constrói sua visão crítica do processo histórico, abrindo espaço para a reflexão de sua própria escrita.

As obras literárias, que surgem se valendo da aproximação dos temas espíritas, constituem o resultado de estratégias de abordagem do texto e permitem uma progressiva aquisição de racionalidade dos elementos que interagem no discurso narrativo. Os elementos conceituais espíritas que aparecem nas diversas obras literárias são manifestações artísticas, mas também manifestações críticas que orientam o leitor a fazer a sua transcendência. Conforme expõe Luís Filipe Ribeiro, “[...] *uma Literatura não é uma biblioteca; é um processo vivo de produção, circulação e consumo de discursos*”, que pode expressar, através da representação, uma situação reflexiva sobre sua herança cultural espiritual (Ribeiro, 2000).

Se pensarmos nas obras consideradas fundadoras da Doutrina Espírita e de todas as demais que lhe foram contemporâneas, as chamadas obras clássicas ou subsidiárias, dada a importância que essas obras adquiriram ao longo do tempo, podemos afirmar que elas estabelecem o cânone espírita, no sentido de que a significação reunida pelas chamadas obras básicas do Espiritismo, atinge a condição básica que um cânone requer para sua formação, conforme esclarece Maria Eunice Moreira:

[...] o cânone pode ser entendido como norma ou a regra, e, por consequência, transforma-se em modelo; [...] o cânone expressa-se numa relação ou lista de autores que contém em si a ideia de seleção, uma vez que essas obras destinam-se ao estudo ou à imitação (Moreira, 2003).

A transferência das ideias espíritas para o plano da ficção estava embasada na visão de mundo dos escritores, herdada do pensamento liberal e cientificista do sé-

culo XIX. Ou seja, eles representaram a realidade sócio-histórica de diferentes maneiras, a partir de subsídios fornecidos pelo Espiritismo. Operou-se uma transfiguração dos valores espíritas segundo a visão existencial de cada literato, efetivando-se no plano da escrita como dimensão religiosa, científica ou mística, além de, em muitos casos, configurarem rigorosas críticas, visando desconstruir o projeto espírita. O processo de formação dessa literatura evidencia a marcha dos conceitos espíritas a espraiair-se nas obras de importantes literatos.

II MACHADO DE ASSIS

Escritor consagrado, Machado de Assis é uma das genialidades da literatura brasileira. Autor reverenciado pela crítica, escreveu, graças ao seu talento, uma série de obras de projeção nacional, destacando-se nos diferentes gêneros literários: poesias, crônicas, contos, crítica, teatro e romances, sendo os últimos os que desempenharam papel de maior valor histórico no processo de formação da literatura brasileira, com obras que se mantêm vivas e deram reconhecimento ao escritor. Irreverente, também produziu sátira em prosa; traduziu *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo; colaborou intensamente na imprensa como jornalista político, repórter, cronista, crítico literário e afinado polemista (Facioli, 1982, p. 25).

A obra machadiana já foi eixo norteador de uma imensidade de estudos, poucos estudiosos, no entanto, se aventuraram a entender o pano de fundo pela via das ideias espíritas, de algumas de suas obras mais notáveis, como os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borbas* e *Esau e Jacó*. Nesse contexto, com prudência, procuraremos encontrar os indícios que levem a atestar a presença de elementos do ideário espírita nas referidas obras, já mencionada por alguns estudiosos da literatura machadiana.

Ubiratan Machado foi um dos primeiros pesquisadores que relatou um caso envolvendo Machado de Assis e o Espiritismo. Trata-se de uma publicação do escritor, em 1865, no *Diário do Rio de Janeiro*, quando ele questiona seus leitores acerca da novidade espírita que começava a produzir os primeiros ecos na sociedade brasileira. E logo faz seu julgamento a respeito da doutrina de Kardec: “*Por nossa parte, nunca prestamos fé a essas superstições, apesar de conhecermos algumas pessoas para quem o Espiritismo é uma verdade incontestável e uma ciência adquirida*” (Machado, 1996). Na mesma época, era enviado a Machado, por parte de um espírita, uma misiva descrevendo o resultado de uma sessão espírita, em que era mediunicamente revelada uma situação futura, a qual poria fim ao confronto armado em Montevidéu. O conflito citado foi desencadeado a partir de uma série de fatores, inicialmente regionais, envolvendo o Uruguai e o Brasil, que interferem através das fronteiras sulinas nas escaramuças internas do vizinho país do Prata, resultando na Guerra do Paraguai (Doratioto, 2002, p. 53-67). Brevemente, a “profecia”, como Machado se referia,

¹ Usaremos este termo com base nos estudos de Ângela Alonso (2002), a qual analisa o movimento intelectual da geração de 1870. São ideias em movimento, conforme a autora, que foram responsáveis pela modernização e transformação do país no final do século XIX.



concretizar-se-ia com a assinatura do acordo de paz, que, naquele mesmo ano, poria fim ao conflito armado (Maldonado, 2006, p. 143). O cético Machado, no entanto, mantém-se precavido com relação à profecia.

Podemos dizer que o leitor Machado de Assis acolhia as ideias espíritas, que passavam a permear parte da sua produção literária, inicialmente absorvida pelos amigos franceses, no contato direto com as obras de Kardec. Ao dar voz aos personagens, o autor constrói alguns biótipos excêntricos e galhofeiros, ironizando as atitudes insólitas e bizarras dos mesmos. Nas crônicas, Machado não poupava palavras para escaçar os adeptos do Espiritismo, classificando suas atitudes como próprias de pessoas ‘monomaniacas’, que mudaram o comportamento em decorrência de terem se vinculado ao Espiritismo, para ele, o responsável por produzir loucos.

O conto “Uma visita de Alcibiades”, de 1876, publicado no *Jornal das Famílias*, é a “[...] primeira obra em prosa de ficção da literatura brasileira em que surge um personagem espiritista [...]” (Machado, 1996, p. 143), frisa Ubiratan. Posteriormente, Machado reescreve e publica a segunda versão, em 1882, nos *Papéis avulsos*. Na segunda versão da narrativa explica o conselheiro X, o narrador da carta enviada ao chefe de polícia da Corte, que sua conversão ao Espiritismo se deve à sua descrença nas religiões, mas que aderiu à nova doutrina por ser mais recreativa.

Na vasta obra machadiana, podemos encontrar outros textos nos quais o autor investe em diferentes campos de interesse. Seria o que Jean-Michel Massa chama de revelador em Machado, ‘a bossa do filosofismo’, de “[...] não passar por enganado, de dizê-lo, de retirar um ensinamento do que via ao redor” (Massa, 1982, p. 397). Dessa forma, como inteligente observador, ele se posiciona em várias de suas crônicas sobre o Espiritismo nos jornais cariocas. No caso da Doutrina Espírita, na medida em que ela fazia sua inserção na sociedade, provocava repercussões surpreendentes. Todo esse barulho atraía as baterias de fogo dos detratores do Espiritismo.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, cujo enredo está ancorado na temática espírita, o defunto da obra machadiana, que volta para narrar suas peripécias, assemelha-se ao morto (Espírito) de Kardec, que retorna à vida de relação através das obras psicográficas para dar seu depoimento, de forma romancada, muitas vezes, quase sempre falando da sua trajetória na passagem para o outro mundo e o que lá encontrou.

O letrado Machado dá voz a um morto com pretensões memorialistas, numa estreita sintonia, própria de alguém que está a par do que ocorre dentro do Espiritismo, como se fizesse uma iniciação via indireta, aproveitando o feramental teórico aberto pela doutrina de Kardec. Ainda que como crítica contundente ao Espiritismo, Machado utilizou um novo filão rico em ideias, o qual poderia legitimar a escrita ficcional laica de origem transcendental.

A impregnação das ideias espíritas apresentada pela obra machadiana foi significativa. *Quincas Borba* demonstra a intranquilidade de Machado com relação ao Espiritismo. Nessa obra, está explicitamente escanca-

rada a ideia da degenerescência mental. A problemática em questão estava na ordem do dia, levando a crer, conforme aponta Ubiratan Machado, que a trama é de origem espírita, uma vez que está vinculada ao tema (Machado, 1996, p. 185). No entanto, se até então Machado posicionava-se de forma ácida em sua campanha antiespírita, na obra *Esau e Jacó* há uma nova disposição íntima no escritor. O romance é publicado em 1904, mesmo ano da morte de sua esposa.

Fatos como os citados, narrados com abundância de detalhes, tanto serviram como defesa à nova doutrina na prosa de ficção, quanto se transformavam em sarcasmo e ironia à doutrina de Kardec, o que, de alguma forma, contribuiu para uma rápida expansão do Espiritismo.

III HENRIQUE MAXIMIANO COELHO NETO

Atentos às transformações, foram muitos os escritores que não perderam a oportunidade de malhar o Espiritismo, que chegava impulsionado pelas grandes mudanças operadas no século XIX. Dentre os que se utilizaram de suas produções literárias, cujos mecanismos textuais, estrategicamente, tinham por objetivo satirizar os espíritas, estava Coelho Netto (1858-1897), professor, político, romancista, contista, crítico, teatrólogo, memorialista e poeta, o qual também teve seu momento de indignação contra a Doutrina Espírita. Coelho Netto cultivou praticamente todos os gêneros literários, sendo, por muitos anos, um dos escritores mais lidos do Brasil.

A exemplo de tantos outros que não aceitavam sob hipótese alguma as ideias espíritas, Coelho Netto passa por várias fases: do intransigente, que via no Espiritismo um alienação social, inclusive tendo o elemento loucura constantemente presente em seus textos, quando se refere à ingenuidade dos que buscam a doutrina de Kardec; até uma mais tardia, em que se converte à doutrina, conforme assinala Artur Cesar Isaia. Para esse historiador, o Espiritismo na obra de Coelho Netto está situado “[...] em uma outra territorialidade social”, pois “[...] abordou a vivência do mundo dos espíritos entre a pequena classe média e seu relacionamento com as camadas populares” (Isaia, 2005). Com humor e ironia, o autor investe pesadamente contra o Espiritismo no entremez *Os raios X*, de 1897, satirizando com um razoável conhecimento doutrinário o cotidiano de uma família burguesa, formada pelo pai simplório, a mãe adepta do Espiritismo e a filha com seus namoricos, na qual ambos buscam, na consulta às mesas girantes, os meios de preverem o futuro, inclusive resultados vantajosos no jogo do bicho (Coelho Netto, 2001, p. 19-21).

Ubiratan Machado, na análise que faz da obra de Coelho Netto, também emite opinião semelhante à de outros pesquisadores, segundo a qual, a temática espírita era uma constante na vida do escritor. Ubiratan explica que, no romance *O paraíso*, publicado no ano seguinte à estreia de *Os raios X*, volta a atacar com a mesma agitação e ironia (Machado, 1996, p. 203) o que ele mesmo, mais tarde, vai dizer em entrevista ao *Jornal do Brasil*,



de 7 de julho de 1923: “*Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considereei a mais ridícula das superstições*” (Rizzini, 1992, p. 65). Embora a sátira nessa obra continue a cair sobre a ingenuidade dos profítes, para Cesar Isaia, a presença da morte surge como indicativo de preocupações mais filosófico-existenciais (Isaia, 2005, p. 567-571). Em *O paraíso*, o autor narra as experiências de um homem, que é levado à outra dimensão da vida. Os personagens, a partir de uma trama que envolve dois amantes, simulam psicografias que eles chamam de experiência taquigráfica. Nela, Espíritos são invocados; alguns reclamam dos médiuns que os exploram em coisas banais (Coelho Netto, 1926, p. 93-94).

Coelho Netto, como um *flâneur* que observa a cidade, a exemplo de João do Rio, ao qual nada escapa aos seus sentidos, percebe os desdobramentos decorrentes da expansão espírita no Brasil do século XIX. Esse olhar apurado leva Coelho Netto a fazer uma observação na obra *A conquista*, publicada em 1899. Em um interminável diálogo entre escritores e poetas, Coelho Netto reconstitui a vida literária dos fins do século XIX no Rio de Janeiro. No desenrolar da história, o autor, ao dar voz aos personagens, constrói o espaço urbano da cidade e, desiludido, faz referência ao número de leitores naquele período:

- Dizem que a população do Brazil é de treze milhões...
- Mais ou menos.
- Pois bem: doze milhões e oitocentos mil não sabem ler. Dos duzentos mil restantes, cento e cinquenta lêem apenas jornais, cinquenta lêem livros franceses, trinta lêem traduções, **quinze mil lêem a cartilha e livros espíritas**, dois mil estudam Augusto Comte e mil procuram livros brasileiros (Coelho Netto, 1921, p. 130).

O ambiente espírita do Rio de Janeiro é também descrito por Coelho Netto na obra *Turbilhão*, publicada em 1904. O autor descreve com detalhes uma sessão em um centro espírita, evidenciando conhecimento da sistemática de funcionamento das casas espíritas, o que pode ser indício de que tenha, provavelmente, assistido a um desses trabalhos. Ao descrever a sessão, o autor utiliza-se do recurso da narração, garantindo mais veracidade ao momento da palestra, que tinha por tema a “piedade”, bem como a comunicação de um Espírito, falando sobre o “bem e o mal”. O momento da prece que, segundo o livro, era feita antes do processo de magnetização da água, o trabalho mediúnico e a invocação dos Espíritos não foram esquecidos pelo escritor. Em determinado momento da narração, a personagem dona Julia é apresentada ao homem responsável pelo centro espírita visitado, o qual passa a citar os grupos que ela poderia escolher para frequentar: *Círculo Espírita Conciliação, Sociedade Espírita Allan Kardec, Grupo Espírita Maria de Nazareth* (Coelho Netto, 1918, p. 181). A proliferação de grupos espíritas dá-nos uma ideia de o quanto o Espiritismo estava enraizado no Rio de Janeiro. Seu olhar observa-

do apresenta ainda o ambiente de respeito e silêncio que vigorava. Comenta, inclusive, a respeito dos objetos que havia no ambiente:

[...] Estantes carregadas de livros ladeavam a grande mesa pousada sobre um estrado. Acima duma das estantes inclinava-se um quadro preto com a imagem de Christo agonizante e, justamente por traz da mesa, na parede constellada, brilhava, em caixilho d’ouro, a legenda: *Fóra da caridade não há salvação* (Ibidem, p. 167-168).

É importante observar que Coelho Netto registra haver no centro espírita uma estante de livros. A informação permite-nos também avaliar a trajetória surpreendente empreendida pelo Espiritismo que, ao partir da França em direção ao Brasil, viajou em páginas literárias especializadas ou não, de intelectuais de renome. Além disso, com a construção de sua rede de jornais e periódicos, contribuiu para que houvesse maior racionalização dos conceitos espíritas, consequentemente tornando-os melhor compreendidos pelas demais camadas da sociedade.

Após a fase de intransigência em relação ao Espiritismo, Coelho Netto aproxima-se dos princípios doutrinários preconizados por Kardec. A partir de então, deixa seu testemunho, através da literatura, em *Esfinge*, romance publicado em 1908 (Machado, 1996, p. 202). Inicialmente não chega a ser uma adesão pura e simples, momento que irá ocorrer em 1923, o qual fica registrado em uma entrevista concedida por Coelho Netto ao *Jornal do Brasil*, cujo título era “A conversão”. Nela, o escritor explica o motivo que o levou a acreditar na Doutrina Espírita e ter certeza da sobrevivência da alma.

Após viver uma experiência inusitada, classificada nos meios espíritas como fenômeno de efeitos físicos, tema largamente trabalhado em *O livro dos médiuns*, principalmente nos momentos iniciais do Espiritismo, quando os Espíritos se manifestavam entre os homens provocando os mais diferentes fenômenos de ordem física. No caso de Coelho Netto, ele próprio relata publicamente ter interceptado na extensão telefônica de sua casa uma comunicação por telefone entre sua filha Júlia e a neta morta.

Não encontramos qualquer prova concreta de que na primeira década do século XX o escritor já tivesse se definido pelo Espiritismo, até porque a obra foi publicada em 1908 e, somente em 1923, por ocasião do episódio que envolveu a filha e a neta, é que o escritor transformou-se em entusiasmado defensor do Espiritismo. No entanto, percebemos, sim, elementos que veladamente atestam certa simpatia e quase proclamação de concordância das ideias espíritas em *Esfinge* (Coelho Netto, 1908). A história passa-se na pensão Barkley, nela um dos moradores chama a atenção pelo jeito excêntrico e misterioso: é o inglês James Marian que, entre outras peculiaridades, apresenta características femininas e masculinas. Afirma ser resultado de um experimento místico-científico realizado por um místico oriental Arhat, que juntou a cabeça de uma menina e o corpo de um menino envolvidos em um acidente; isso explicava sua transexualidade.



Chama a atenção, em *Esphinge*, que a estrutura do romance, embora, conforme Maurício Cesar Menon, rompa as fronteiras impostas pelas leis naturais e racionais (Menon, 2009), muitas passagens são marcadas por temas como a reencarnação² – elemento-chave do ideário espírita; evolução – conceito essencial para o entendimento do progresso espiritual; purificação – tema também caro à Doutrina Espírita. No que diz respeito a esse conceito, na obra *A gênese*, de Kardec, encontramos a informação de que o trabalho inteligente realizado pelo Espírito encarnado em seu proveito sobre a matéria, concorre para a transformação e o progresso material do planeta (Kardec, 1991, p. 217). A ideia do bem e do mal é amplamente trabalhada na obra *O Evangelho segundo o espiritismo*, bem como a vaga ideia de reminiscência que todo o ser humano possui de uma vida anterior (Delanne, 1992, p. 187-196).

Desde que a Doutrina Espírita aportou no Brasil, na segunda metade do século XIX, como novidade europeia chegada no influxo do cientificismo, tornou-se fonte geradora de temas para o imaginário de muitos escritores. Cabe considerarmos que o processo no qual os escritores estavam inseridos, como agentes dinâmicos, no contexto da sociedade, levava-lhes a recepcionarem os textos kardequianos. Nesse sentido, constituem circunstâncias construídas nas quais a interação entre texto e leitor resulta em um processo de comunicação, no fim do qual, segundo Wolfgang Iser, aparece um sentido constituído pelo leitor, que contesta o significado de estruturas de sentido anteriores, possibilitando a alteração de experiências passadas (Iser, 1979, p. 89-90). O horizonte de expectativa que se formava renovou positivamente a favor das experiências pessoais desses escritores que tomaram contato com as ideias espíritas, como a estimular a produtividade continuada de novas obras literárias.

IV ALBERTO COELHO DA CUNHA³

Escritor, contista, romancista, abolicionista e republicano pelotense, Alberto Coelho (1853-1939) publicou nas revistas *Sociedade Partenon Literário* e *Arcádia*, sob o pseudônimo de Vitor Valpírio e Jatyr. Com o apoio do cunhado Guilherme Echenique, proprietário da Livraria Universal, publicou suas obras (Martins, 1978, p. 38). Um verdadeiro *flanererur*, que nada deixava escapar ao seu olhar observador, captou o desenvolvimento intelectual da cidade de Pelotas/RS, expressando em letras tudo o que passava por sua reflexão. Segundo Lorena Gill, Alberto Coelho também exerceu junto à Intendência de Pelotas a função de escrevente por quarenta anos (Gill, 2006).

A referida cidade, na segunda metade do século XIX, foi marcada por um amplo processo de desenvolvimento cultural, terra de charqueadores e cidade de barões, que viu surgir, com a riqueza produzida pelas charqueadas, as

condições de florescimento de uma aculturação, marcada pelos valores europeus trazidos pelos filhos dos charqueadores que iam estudar na Europa (Magalhães, 1994, p. 74). Os intelectuais da cidade estavam *pari passu* sintonizados com os ventos da modernidade vindos da Europa, entre eles o Espiritismo.

Alberto Coelho foi um desses intelectuais ligados às letras do Rio Grande do Sul, um dos precursores do regionalismo literário, tendo registrado o ambiente rural da campanha, especialmente as charqueadas, porquanto conhecedor do trabalho saladeril; entendia o sofrimento dos negros, uma vez que era filho de um charqueador, o Barão de Correntes.

Em relação ao Espiritismo, Alberto Coelho da Cunha deixou importante relato manuscrito, sob o título de *Seita espírita*⁴. Embora o documento referente à recepção dos postulados espíritas na cidade de Pelotas, no final do século XIX, não esteja datado, traz a seguinte contribuição:

Deve-se reconhecer que tem tido ultimamente extraordinário desenvolvimento a doutrina espírita, que entre nós se difunde e impera, exercendo uma espécie de sedução em ânimos desprevenidos, que aos centros espontaneamente acodem, a elles se entregam, por vezes de corpo e alma, porque nelles a sua confiança depositam. Há uma boa dúzia de annos, escassos adeptos contava esta seita. Muitos desses se vexavam de confessar a sua crença, receiosos dos doestos, sarcamos e chufas que eram impiedosamente atirados sobre beocios que acreditavam em almas do outro mundo. Esse número foi sorratamente e paulatinamente crescendo [...]. Já de publico se apresentam e francamente confessam a sua fé, homens intelligentes, são de corpo e de juízo que não se arreceiam de opinião que sobre elles se possa fazer. (Da Cunha, n.d., p. 1).

As observações feitas pelo escritor pelotense são muito importantes porque dão uma dimensão de como o Espiritismo incursionava por essa cidade da região do sul do estado. No entanto, é preciso considerar que, na década de 80 do século XIX, a Doutrina Espírita já tinha seus pioneiros na vizinha cidade do Rio Grande, berço do Espiritismo no Rio Grande do Sul. Foi na cidade portuária que, em 29 de maio de 1887, inaugurou-se a primeira sociedade espírita gaúcha, *Sociedade Spirita Rio-Grandense*. A princípio, algumas pistas levantadas na biblioteca da cidade indicam ter a doutrina de Kardec aportado em Rio Grande pela ação de dois espanhóis, em 1867, após terem sido expulsos da cidade de São José do Norte pelo clero, que combatia com violência o Espiritismo. Como médiuns curadores e de efeitos físicos, tentaram desenvolver atividades voltadas para tais áreas, mas foram também corridos da cidade, instalando-se, então, na vizinha cidade de Pelotas. Alberto Coelho contribui, nesse sentido, dando-nos algumas pistas da fase inicial, anterior à

² A reencarnação, conforme o *Evangelho segundo o espiritismo*, capítulo IV, item 4, define mais precisamente, como a volta da alma ou do espírito à vida corpórea, mas em um outro corpo especialmente formado para ele. Ver: Kardec (1978, p. 56).

³ Usava os pseudônimos Vitor Valpírio e Jatyr.

⁴ As citações aqui apresentadas encontram-se conforme a grafia da época.



institucionalização da Doutrina Espírita em solo gaúcho:

Depois de phases de obscuridade de timidez, de irresolução entrou o espiritismo em período de franca apresentação, como convicção que firmemente se solidificou. Quão distanciados vamos já daquela época em que essa doutrina accidentalmente trazida á pequena Pelotas de ha 50 annos passados, por dois espanhões que se pretendiam médiuns: intuitivo o dentista José Aquilera, vidente, o architecto Antonio Baxeras, procurou abrir carreira, abrindo brecha na sceptica indiferença da população por assumptos que condiziam com o destino da alma de cuja existencia se estava em duvida! Com pés de lan, ella procurou se insinuar. [...] Tal pensamento parece não se ter concretizado e ter-se limitado esse grupo a fazer como que em familia, a sua propria instrucção. Eram as suas reuniões presididas por Fortunato Sampaio que já se revellava crente ardoroso, enquanto os seus outros companheiros, ainda procuravam, motivos de convicção (Ibid., p. 1.).

Podemos deduzir dos relatos citados que, a exemplo de Coelho Netto e João do Rio, o literato pelotense também narra os fatos históricos com detalhes de quem conhece os meandros da fase inicial, quando o Espiritismo fazia prosélitos no Estado. Alberto Coelho da Cunha faz, ao longo do documento, uma avaliação dos progressos realizados pelo Espiritismo na cidade de Pelotas, desde seu surgimento até os avanços que a doutrina promovia, com a instalação dos primeiros grupos familiares de estudos espíritas e, naturalmente, sua institucionalização.

O documento foi escrito em 1927 e seu conteúdo interessa-nos porque o autor retrocede em sua análise, fornecendo uma visão da forma pela qual a doutrina era recepcionada pelos letrados da cidade sulina. Alberto Coelho da Cunha apresenta um censo realizado em 1911, no qual aponta o número dos que se declaravam espíritas. Além disso, nomeia todas as instituições fundadas na cidade desde a segunda metade do século XIX, registrando os nomes de seus dirigentes e médiuns frequentadores das sessões públicas, bem como suas atividades de caráter experimental. Animados pelas ideias científicas, era comum naquele período as sessões mediúnicas terem a finalidade de comprovar a imortalidade da alma e de dar manifestação às mais diferentes variantes fenomênicas.

O escritor do *Partenon Literário*, em momento algum, informa no seu trabalho histórico sobre o Espiritismo, quando se tornou espírita ou se realmente houve essa conversão. No entanto, há claros indícios que o aproximam da Doutrina Espírita, pelo profundo conhecimento que demonstra ter de seus conteúdos doutrinários e dos mecanismos de funcionamento das práticas mediúnicas.

Outro aspecto que procuramos trabalhar analiticamente refere-se à sua produção intelectual. Buscamos subsídios que nos permitissem entender se em algum momento o escritor fez uso das ideias espíritas no processo de construção de suas narrativas. Chama a atenção, por exemplo, que na lenda “A mãe do ouro”, inserida em um dos *Contos rio-grandenses* e recolhida no volume *Narradores do Partenon Literário*, organizado por Maria Eunice Moreira, a forma como o autor encerra a história

deixa suspeitas, sugeridas nas reticências colocadas na seguinte expressão, ao final da frase: “[...] a sedutora filha do posteiro, não morava mais em casa de seus pais terrestres... [...]” (Valpírio, 2002, p. 40, grifomeu). O enredo gira em torno de uma menina órfã de pai, que se vê rejeitada pelas promessas de amor de um jovem que foi embora. Depois de ter dispensado cuidados ao rapaz que havia sofrido uma queda de um cavalo, a jovem acaba tendo uma morte trágica. Originalmente, a lenda foi publicada em 1873, na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*.

Na época em que a narrativa foi publicada, Alberto Coelho da Cunha tinha pouco mais de vinte anos, mas uma dúvida sobressalta em nossos questionamentos: será que o escritor teria tido algum contato com o Espiritismo na época? Não podemos esquecer que Pelotas era, no período em foco, um eferescente centro cultural; muitos estrangeiros por lá aportavam, conforme registra Mário Osório Magalhães: “[...] nada mais natural, numa sociedade desse tipo, que os valores predominantes fossem relacionados com as artes, as letras e as ciências” (Magalhães, 1994, p. 136). Além disso, as fortunas adquiridas com as charqueadas e a próspera industrialização que se formava, permitia constantes viagens da burguesia em ascensão ao exterior. Os pelotenses mantinham estreitas conexões com a Europa, principalmente com a França, recebendo, assim, influência direta desse país, questão já demonstrada pelos pesquisadores Rildo Cosson e Mário Osório Magalhães.

Outra questão que devemos ressaltar em relação à presença de uma cultura letrada em Pelotas, válida para toda a Província do Rio Grande, diz respeito às teorias científicas trazidas para o sul. Segundo o historiador Benito Bisso, o Rio Grande do Sul do final do século XIX também se viu contagiado pelas mais diferentes correntes científicas (Schmidt, 2001). Os intelectuais gaúchos, via de regra, seguiam os pensamentos franceses; basta vermos a forte influência do positivismo, aplicada em essência na gestão pública do Estado.

A despeito das questões apontadas, acreditamos que o então menino Alberto Coelho da Cunha tenha formado sua base de erudição no caldo cultural da valorizada Pelotas de outrora. Provavelmente, tenha passado pelas obras de Allan Kardec, já que naquela cidade estiveram, à época, os dois espanhóis que, segundo ele mesmo relata, foram os disseminadores das ideias espíritas concebidas pelo pedagogo francês Allan Kardec, naquela região. Há ainda a possibilidade de a novidade francesa ter sido trazida na bagagem literária, diretamente da Europa, por um desses estudantes pelotenses que de lá retornavam de seus estudos.

Alberto Coelho discorre sobre o desenvolvimento do Espiritismo em Pelotas, com a familiaridade de quem entende os pormenores do funcionamento de uma atividade espírita prática. O autor explica todos os passos do desenvolvimento de uma sessão mediúnica; isso quando da chegada dos espanhóis:



[...] Dentro em pouco, contava o grupo com um pequeno corpo de mediuns-escreventes, que tinham a facilidade de, a propósito de qualquer incidente que empvavelmente ocorresse, improvisarem comunicações com elevação de pensamentos, e linguagem correcta e por vezes magistral em que machinalmente, se alongavam paginas afora. Chamavam-se elles - Zeferino campos, dono de loja de fazendas á rua 15 de novembro, que enquanto duravam as sessões, se mostrava escriptor inspirado, e Anselmo Fluichenx, guarda-livros da antiga firma F. Nunes de Souza, João Mello, guarda-livros da casa Ramon Trapaga, e por último o jornalista Ernesto Gensrgross [...] (Da Cunha, n.d., p. 2).

Comenta o literato pelotense a respeito dos primeiros espíritas que ele menciona em seu texto, estes foram os pioneiros que criaram as bases, para somente quarenta anos mais tarde – ele escreve em 1927 – o Espiritismo conseguir se tornar uma crença aceitável e ter influência na mentalidade da sociedade. Isso significa que a nova doutrina começa a tornar-se causa comum a partir de 1887 – mesma data em que aparece a primeira instituição espírita no Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande –, período em que surgiram muitos centros abertos aos que desejavam frequentar de forma pública as sessões, sem falar das muitas agremiações que pulularam na cidade, realizando sessões privadas, somente para convidados.

Desse modo, observando os caminhos tomados pelo Espiritismo na região sul, e em todo o Rio Grande do Sul do século XIX, pensamos que autores como Alberto Coelho, embora não tenham se utilizado mais abertamente dos conceitos espíritas em suas produções literárias, com certeza, exerceram vigorosa influência sobre seus pares como intelectuais atuantes. Agiam como decodificadores dos enunciados espíritas, permitindo que as ideias de que a doutrina de Kardec era portadora pudessem alcançar maior assimilação pela sociedade; atuavam como operadores da racionalidade espírita, produzindo novos sentidos para seus leitores. Parece-nos que a ênfase “leitores de textos espíritas” não causou qualquer estranhamento, no caso de Alberto Coelho da Cunha; ao contrário, como produtor intelectual, permitiu uma abertura de sentido em relação às ideias de Kardec, proporcionando uma maior consciência de mundo, de conceitos e de valores. Houve rompimento do horizonte de expectativa, levando-o, como leitor, presumivelmente, a identificar-se nas obras espíritas enquanto ato de leitura mais consciente e, através das diversas camadas interpretativas dos conceitos espíritas, conduziram-no a rever criticamente a própria realidade do Espiritismo em Pelotas.

V AMÉLIA HARTLEY ANTUNES MACIEL (BARONESA DE TRÊS SERROS)

Amélia Hartley Antunes Maciel (1848-1919), a Baronesa, morou em Pelotas/RS e foi esposa de Anibal Antunes Maciel (Barão de Três Serros), falecido em 1887. O antigo solar, residência da família Maciel, abriga hoje

o Museu da Baronesa. Logo após a morte do marido, ela, natural do Rio de Janeiro, passou a fazer constantes viagens à Corte, hábito que a família cultivava, principalmente para fugir do inverno sulino.⁵ Mas o que certamente nos interessa é o fato de ela ter vivido em pleno século das grandes transformações por que passou a sociedade brasileira e, em particular, a cidade de Pelotas.

Durante o período que compreende os anos de 1899 e 1918, a personagem em estudo torna-se precioso objeto de investigação pelo que revela o conteúdo de suas cartas. Em muitas delas, a Baronesa expõe a crença espírita que professava e a de algumas pessoas ligadas a ela, quer por laços de parentesco, quer simplesmente por fazerem parte de seu círculo de relações.

Mas, para nós, o empenho que depositamos na análise das cartas da Baronesa reside no fato de a aproximarmos do conjunto dos demais letrados que mantiveram vínculos com o ideário espírita. Apesar de ela não ser uma escritora, insere-se no grupo daqueles que contribuíram para a divulgação do Espiritismo, seja em decorrência do grupo social ao qual ela pertencia, seja pela influência que exercia na própria família.

Segundo Débora Clasen, através das cartas, é possível encontrar referências a algumas práticas que Amélia cultivava, como o hábito de fazer circular o material impresso entre os familiares e o seu grupo de relações. A Baronesa revela a existência de uma biblioteca em sua casa (De Paula, 2008, p. 180). O pequeno acervo era formado por livros, revistas, almanaques e jornais. Há constantes trocas do material impresso entre o trajeto Rio de Janeiro/Pelotas/Rio de Janeiro, o que denota a importância do acesso às informações que circulavam no país e às novidades que chegavam da Europa.

Amélia Hartley, por ser a matriarca da família Antunes Maciel e mulher de grande influência na família, possivelmente tenha estimulado outros membros da família a terem um contato mais direto com o Espiritismo. Há muitas suspeitas de como a doutrina de Kardec conquistou a Baronesa para suas fileiras. Entre as inúmeras possibilidades, há o fato das muitas perdas de entes queridos, ocorridas em sua família. A começar pelo marido, que faleceu aos 49 anos de idade, depois de um longo período de enfermidade em decorrência de ferimentos contraídos por ocasião da Guerra do Paraguai. Posteriormente, foram a irmã, a filha, a neta, entre outros parentes e amigos próximos. Ainda podemos conjecturar se tal adesão não teria sido feita de livre e espontânea vontade. A suspeita é corroborada pelo próprio espólio de leituras de Amélia, uma vez que podemos perceber, com base nas fontes epistolares, que a mesma depositava simpatia por tudo que tivesse relação com a espiritualidade.

Embora as cartas da Baronesa registrem o cotidiano da família, detivemo-nos àquelas que atestavam o vínculo dessa importante figura da sociedade pelotense com as ideias espíritas. Suas cartas eram quase todas remetidas do Rio de Janeiro, já que para lá ela foi por volta de 1890, mantendo-se sempre informada da vida social

⁵ As informações encontradas nas cartas disponíveis no acervo do Museu da Baronesa também foram trabalhadas por Débora Clasen de Paula, em sua dissertação de Mestrado. Para maiores informações, consultar: De Paula (2008).



de Pelotas, pois quase toda a família ficara naquela cidade da região sulina, onde tinha seus negócios. Todos eram estancieiros ligados à produção do charque. A Baronesa administrava os bens da família com total controle da situação, mesmo estando distante. Como era uma pessoa altamente influente na sociedade local, mantinha contatos permanentes com Pelotas, viajando para a cidade constantemente. Vejamos a primeira carta que nos leva a situá-la como espírita, na qual comenta a perda da filha Dulce, que se encontrava morando com ela, no Rio de Janeiro. Admite estar resignada, de acordo com a religião que professava:

[...] a religião que professamos, nos ensina a sofrer, e a esperar com paciência, o momento da nossa reunião, na outra vida, à aquelas que nos são caros, e que partirão antes de nós. Se não fôra essa crença, eu não teria resistido aos profundos e repetidos golpes porque tenho passado, pois confesso-te que a minha primeira ideia é sempre má, e só a fé, a muita fé, me tem valido, acalmando o meu espírito atordoado!⁶

Em outro momento, a Baronesa dirige-se à filha Sinhá, com quem mantinha correspondência regular; a maioria das cartas é endereçada para essa filha, falando novamente do tema resignação diante das aflições. Na oportunidade, consola a filha pela perda da neta: “*limite-me a lembrar-lhe a nossa pura, e santa religião, pois só Ella, nos dá a força precisa, para sofrer com resignação, as desgraças que nos sobrevem!*”⁷ Antes de tranquilizar a filha pela morte da neta, tivera que enfrentar outra situação há pouco menos de um ano: a cirurgia por que passou a filha e a perda de mais um familiar: a sua tia.

A necessidade de acesso ao conhecimento, exigência dos tempos que aceleradamente levavam os letrados a uma cultura da informação, fazia com que a Baronesa acompanhasse, conforme esclarece Débora Clasen, com interesse, o lançamento de obras literárias, além de estar a par das mais recentes descobertas científicas, bem como dos novos hábitos vindos da Europa. Afinal, Amélia fazia parte da ilustração brasileira, composição social que reivindicava a liberdade de consciência, ou seja, a liberdade espiritual, mesmo com todas as consequências (De Barros, 1959, p. 176). No caso da Baronesa, isso significava abrir espaço, mesmo na família, para professar sua crença importada da Europa.

A profunda confiança que demonstrava ter nas ideias espíritas autoriza-nos a concluir que a Baronesa era uma estudiosa da doutrina de Kardec. Essa condição fornecia-lhe o combustível de que se abastecia para enfrentar as maiores contrariedades existenciais; era o resultado de um processo do conhecimento espírita, iniciado por seu horizonte de expectativa que, a partir daí, prossegue em um movimento da lógica hermenêutica, levantando questões e buscando respostas, influenciando os demais re-

ceptores pela continuidade do diálogo, conforme podemos deduzir na passagem em que comenta a respeito das receitas homeopáticas:

Dou graças a Deus, por já se acharem os queridos netinhos bons da coqueluche, para o que, estou certa, mt.º concorrerão as preces que aqui fiz por elles. Se não fôsse o receiar, que Lourival não gostasse, tinha-te enviado uma receita espírita, porq. Muitas creanças (até de 3 mezes) se teem curado por esse meio.⁸

O auge das transformações ocorridas na vida da Baronesa, trazidas pelas ideias renovadoras do Espiritismo, que contagiaram boa parte da sociedade letrada do século XIX, está claramente ligado aos estudos e à frequência sistemática à sede da Federação Espírita Brasileira (FEB), local onde circulava grande número de intelectuais, livre-pensadores, republicanos e maçons. Sylvia Damazio afirma que muitos se tornaram espíritas, estudiosos dos postulados kardequianos, como Quintino Bocaiúva e Alcindo Guanabara; outros, simpatizantes, apenas buscavam as receitas homeopáticas, como era o caso de Prudente de Moraes, tratado pelo médium receitista Domingos Filgueiras (Damazio, 1994, p. 72-75). Provavelmente, sendo uma pessoa de prestígio na Corte, encontrou muitos desses intelectuais na FEB. Em uma das cartas, é citado um nome bastante prestigiado – Leopoldo Cirne, que fora dirigente da FEB a partir de 1900, por ocasião da morte de Bezerra de Menezes. Assim se expressa Amélia sobre suas idas à sede da Federação Espírita Brasileira:

[...] Tenho pois ido às sessões, na Federação, onde são ellas admiráveis em seus ensinamentos! João, apesar de suas idéias positivistas, é quem me acompanha, e leva sua condescendencia, á ponto, de assistil-as até o fim, mostrando n’isso, a melhor boa vontade. Acredita, que os poucos momentos que ali passo, orando, e ouvindo as explicação do Evangelho, em Espirito e Verdade, julgo-me bem feliz!⁹

Uma prova conclusiva do horizonte de leitura da Baronesa, que a levava a estudar as obras espíritas, reporta-se a um pedido seu, em carta enviada de Curitiba à filha em Pelotas, para que mandem seus livros espíritas que ela mantinha guardados na cidade sulina.¹⁰ Absorvida pelo ideal espírita, a exemplo dos demais pioneiros que implantaram a doutrina no Brasil, transita num amplo universo espacial com aquilo que representa de mais valioso na aquisição do novo saber: seus livros. O vivo interesse por suas obras, que ela faz circular de forma compartilhada entre os que encaminha à nova crença, é confirmado em dois momentos: quando solicita a devolução dos livros e ao perceber que lhe falta a obra *Do país da luz*, psicografada pelo médium português Fernando de Lacerda, com o então Espírito Allan Kardec. Nas cartas

⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1899.

⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1900.

⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.

⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

¹⁰ Carta da Baronesa. Curitiba, 18 de agosto de 1903.



datadas de 1906 a 1910, a Baronesa menciona os seus livros:

Como me estão fazendo aqui mt.^a falta, alguns dos meus livros espíritas peço-te para me mandares o mais breve que puderes, todos os que se acham no meu armário, mas na 3.^a prateleira, os outros, não precisa. D'estes mesmo, não precisa mandares os - folhetos - mas sómente os O 'Congresso Spiritista' era para mandar ao Costa, e eu tinha dado com outros livros á Rosaria para fazer o embrulho, que depois te entreguei, mas com certeza ella deixou esse, e depois juntou aos que estãvão na mezinha. Manda-o pois ao tio Costa.¹¹ Falta-me a obra - 'Do Paíz da Luz' que emprestei ahi, não sei si mesmo ao tio Costa, ou si ao Ovídio Baptista. Ao primeiro, n'ão toques nisso, mas ao segundo podes perguntar, dizendo-lhe, que é unicamente para saber com quem está: são dois volumes.¹²

Nas cartas escritas entre 1899 e 1918, por Amélia Hartley Antunes Maciel, estão elementos que atestam o quanto as ideias espíritas tiveram alcance no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, no Brasil. Foram intelectuais, escritores, homens públicos e pensadores liberais os agentes a serviço de uma causa, de uma doutrina que se propunha estar assentada na fé raciocinada e que, com isso, propagaram e contribuíram para uma melhor compreensão dessas ideias espiritualistas.

Enquanto doutrina centrada na perspectiva da espiritualização do homem, parece ter exercido forte papel conectivo na sociedade ilustrada do século XIX, sobretudo entre muitos escritores, que encontravam respostas no Espiritismo para as suas crises religiosas e existenciais, que tão assoladoras se abatiam nos indivíduos daquele período, desmoronando velhos dogmas e fórmulas já desgastadas pelos ventos renovadores do cientificismo e da modernidade. Portanto, é presumível que isso tudo tenha contribuído para o acolhimento das ideias espíritas, porque os novos valores encontrados nelas renovavam as expectativas pela perspectiva de um futuro não mais incerto, pois a imortalidade da alma era a certeza científica do que eles procuravam. Trata-se de uma das hipóteses que provavelmente tenham levado aqueles intelectuais a reinterpretarem as novas ideias, permitindo a proliferação de um conjunto de obras espíritas.

VI CONCLUSÃO

Este artigo objetivou captar os meandros pelos quais alguns literatos e intelectuais brasileiros, entre 1860 e 1930, absorveram o *corpus* conceitual oferecido pelo Espiritismo. A recepção das ideias espíritas por alguns intelectuais brasileiros, como os autores aqui trabalhados, só foi possível graças a rápida proliferação da doutrina através da construção de uma bem montada rede de jornais e da difusão do livro pelas camadas sociais letradas no Brasil.

Foi possível entender que a consolidação do Espiritismo enquanto sistema doutrinário não estava somente

em sua força conceitual, uma vez que também exercia força sedutora sobre os intelectuais e escritores que a ela se vincularam, os quais rendiam tributo à nova filosofia, sob a forma de produção literária. Entendiam a Doutrina Espírita como portadora de uma função social que induzia à valorização de princípios ético-morais, à religiosidade e à renovação dos valores da sociedade.

As ideias espíritas moldam e entusiasmam a atitude dos que receberam os textos espíritas. A aceitação das referidas ideias firmou-se, principalmente, após a publicação das obras do professor Allan Kardec, as quais anunciavam a possibilidade de contato com o mundo espiritual e desvendam os mistérios da morte.

Na medida em que o Espiritismo lograva avançar na sociedade brasileira, fazendo sua inserção na cultura local, foi gerando-se uma extraordinária força literária, que permitiu engendrar uma nova poética, exemplo disso é a produção literária de Machado de Assis, mesmo fazendo duras críticas ao Espiritismo e de Coelho Neto, que abordou a temática espírita com humor e ironia. Também estão nesse conetexto, os manuscritos de Alberto Coelho da Cunha, que foram divulgados na imprensa e Amélia Hhartley Antunes (Baronesa de Três Serros), cuja aproximação ao ideário espírita ficou registrado em suas missivas dirigidas à família e outras pessoas de seu círculo de relações.

Acrescentamos que conceitos espíritas, tais como: Deus, a imortalidade da alma, a pluralidade das existências, a comunicabilidade dos Espíritos e a evolução, foram ideias que integraram o pensamento dos referidos intelectuais e escritores brasileiros, os quais foram estampados nas páginas dos jornais, das obras e cartas dos mesmos. São indícios de o quanto a filosofia espírita infundia na alma dos mesmos uma doce consolação, e nos servem de garantia da aceitação das ideias espíritas, da valorização do novo tema, tão presente no gosto das conversações de um grande número de intelectuais e escritores do século XIX.

A base espiritual e poética de muitos escritores tinha como fonte as mesmas ideias existenciais da codificação kardequiana. Da identificação e interação com os conceitos espíritas, observa-se o fortalecimento da própria Doutrina Espírita, principalmente porque desse processo resulta uma constante produção literária e divulgação em veículos doutrinários que lhes garante legitimação. A ressonância dessa postura vai justamente produzir imagens e comportamentos passíveis de serem considerados significativos para a racionalização dos conceitos espíritas.

Enfim, sem a pretensão de realizar uma análise exaustiva, acreditamos ter demonstrado a aproximação dos referidos intelectuais e literatos, aqui trabalhados, das ideias espíritas. A pertinência de focar as questões propostas inicialmente, resgata um tema instigante e ainda pouco tratado no âmbito da História.

¹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910.



REFERÊNCIAS

- ALONSO, Â. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- COELHO NETTO, H. M. *Espíngue*. Porto: Chardron, 1908.
- . *Turbilhão*. 2ª ed. Porto: Chardron, 1918.
- . *A Conquista*. Porto: Chardron, 1921.
- . *O paraíso: excelsa fantasia*. 2ª ed. Porto: Livraria Chardron, 1926.
- . “Os Raios X”, In: BRAGA, Claudia (org.). *Teatro de Coelho Netto*. Tomo II. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.
- DA CUNHA, A. C. n.d. *Seita Espírita*. Arquivo Histórico da Biblioteca Pública Pelotense, fundo Alberto Coelho da Cunha, Pasta Acc18, p. 1.
- DAMAZIO, S. F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.
- DE BARROS, R. S. M. “A ilustração brasileira e a ideia de Universidade”. (Tese de livre docência - Boletim, 241). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1959.
- DE PAULA, D. C. “Da mãe e amiga Amélia”: cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)”. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale dos Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível neste [link](#). Acesso em: 07 mai. 2023.
- DELANNE, G. *A reencarnação*. Tradução de Carlos Imbassahy. 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.
- DIAS, J. R. L. “Percurso da racionalização do sagrado no espiritismo: um conjunto de ideias presentes na literatura e na imprensa brasileira”. 2011. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- DORATIOTO, F. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FACIOLI, V. “Várias histórias para um homem célebre”. In: BOSI, Alfredo *et al. Machado de Assis. Coleção escritores brasileiros: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.
- GILL, L. A. “Labirintos ao redor da cidade: as vilas operárias em Pelotas (RS) 1890-1930”, *Revista História Unisinos* **10**, 45 (2006). Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6169/3334>. Acesso em: 07 mai. 2023.
- ISAIA, A. C. “Coelho Neto e o mundo dos espíritos”. In: *Religião, mito e sociedade*, 2005, Rio de Janeiro, **Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)**, p. 567-571.
- ISER, W. “A interação do texto com o leitor”. In: JAUSS, Hans Robert, *et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Salvador Gentile. 134ª ed. São Paulo: IDE, 1978.
- . *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 34ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- MACHADO, U. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói. Lachâtre, 1996.
- MAGALHÃES, M. O. *Pelotas século XIX*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.
- MALDONADO, E. C. “Presença espírita em Machado de Assis: O caso da Guerra do Paraguai”. Texto integrante dos **Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo**. Assis, UNESP, 2006.
- MARTINS, A. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1978.
- MASSA, J. -M. “A juventude de Machado de Assis: a posição de honra no teatro”. In: BOSI, Alfredo *et al. Machado de Assis. Coleção escritores brasileiros: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.
- MENON, M. C. “A questão do duplo em duas narrativas brasileiras”. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS **3**, 2007, Maringá, **Anais...** Maringá, 2009, p. 732-739. Disponível neste [link](#). Acesso em: 07 mai. 2023.
- MOREIRA, M. E. “Cânone e cânones: um plural singular”, *Letras* **26**, 89 (2003). Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11883>. Acesso em: 07 mai. 2023.
- RIBEIRO, L. Filipe. “Literatura e História: uma relação muito suspeita”. In: *Geometria do imaginário*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000. Disponível em <https://lilipe.tripod.com/geometria/historia.html>. Acesso em: 13 mai. 2023.
- RIZZINI, J. *Escritores e fantasmas*. 2ª ed. São Bernardo do Campo: Edições Correio Fraternal do ABC, 1992.
- SCHMIDT, B. B. “O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República”, *Ver. Bras. Hist.* **21**, 113 (2001). DOI 10.1590/S0102-01882001000200006.
- VALPÍRIO, V. “A mãe do ouro”. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL – Corag, 2002.



TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

History and Literary Practices with a Spiritist Theme: A Study of Four Authors

Abstract: This article seeks to identify and analyze how some Brazilian literati and intellectuals, between 1860 and 1930, received in their literary productions and/or missives the Spiritist theme from its doctrinal corpus. Many literati, whose life trajectory was somehow identified with the same proposals that Spiritism presented to that society of the 19th century. They articulated and communicated through their works the conceptual representations of the Spiritist Doctrine. This new Philosophy, conceived in 1857 in France by Hippolyte Léon Denizard Rivail, known by the pseudonym Allan Kardec, found immediate receptivity in the French and Brazilian literary universe. Spiritism is a doctrine based on the rationalist and progressive emphasis, bursting into a moment of intellectual effervescence, offering man the opportunity to understand his destiny at the end of his life of relationship, incorporating discussions based on new bases, of scientific and philosophical character.

Keywords: Spiritism; Literature; Writers; Reception.
